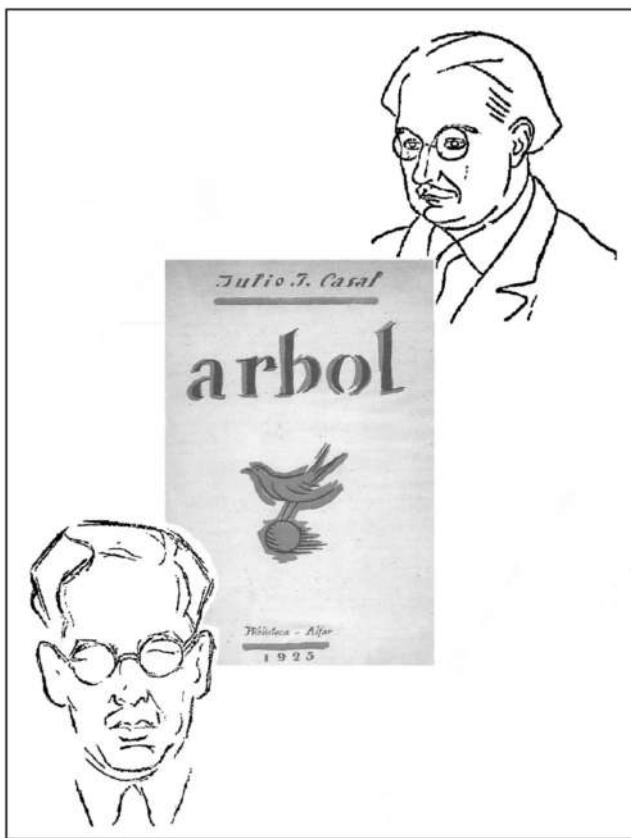
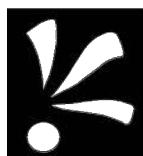


# Cadernos de Estudos Xerais

Nº 11—8 novembro 2017



José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa



A. C. IRMÁNS  
SUÁREZ  
PICALLO



Julio José Casal Ricordi, cônsul de Uruguay na Corunha (1913-1926),  
foi um destacado dinamizador cultural, fundando aqui a  
prestigiosa revista Alfar (1923-1955)  
que continuou publicando-se em Montevidéu.

Montevidéu (Uruguay), 18/06/1889 — 07/12/1954.

---

Maquetación: Rafael Carballeira Coego

Edita: Asociación Cultural Irmáns Suárez Picallo

Imprime: Lugami Artes Gráficas, S.L.

comisionsuarezpicallo@gmail.com

<http://www.blogoteca.com/acsuarezpicallo>

Sada - 8 de novembro de 2017

Directiva 2017 - presidente: Francisco A. Pita Fernández / vicepresidenta: Manuel Pérez Lorenzo / secretaria: Vanesa Santiago Vázquez/ vicesecretaria: Marisa Naveiro López / tesoureiro: José Garrote Martín / vogais: Estevo Rodríguez Liste, Xosé Val Díaz, Jesús Castro Vidal, Rafael Carballeira Coego, Xaime Rodríguez Rodríguez, David García Pauwels, Carme Gratacós Ríus, Rexina Basadre Orozco

Imaxes en miniaturia p. 27: Reproducción da “Alegoría da Poesía”, Rafael Sanzio. Estancias do pintor no Pazo Apostólico (Cidade do Vaticano).

D.L. C 814-2014

*Tirada: 600 exemplares*

A Asociación Cultural Irmáns Suárez Picallo, através da série de publicações *Cadernos de Estudos Xerais*, transcende novamente os próprios limites do nosso país para recuperar a figura de Julio J. Casal, um destacado persoeiro da cultura em Galiza.

Julio J. Casal exerceria umha relevante actividade de difusom cultural coa fundaçom e direcçom da revista galego-hispanoamericana “Alfar”. Esta revista estivo nucleada por intelectuais galegos cum fondo senso literário e artístico européu enraizado en Galiza, constituíndo unha decisiva porta de entrada en Espanha dos movimentos vanguardistas contemporâneos, eido no que ganharia importantes cotas de prestígio até se situar ao nível da “Revista de Occidente” de José Ortega y Gasset.

A própria relevância da revista “Alfar” pode-se comprovar a partir das colaborações literárias de perfil universal, chegando a participar autores distinguidos co Premio Nobel de Literatura como Gabriela Mistral ou Juan Ramón Jiménez, ou co Premio Príncipe de Asturias das Letras, coma Francisco Ayala, assi como figuras intelectuais de estatura internacional tales Juana de Ibarbourou, André Breton, Vicente Huidobro, Max Aub, Juan Carlos Onetti, e mesmo espanhola e galega como Miguel de Unamuno, Daniel Rodríguez Castelao, os irmáns Machado, Eugeni d’Ors, Federico García Lorca, Vicente Risco, Vicente Aleixandre, Rafael Alberti, Azorín, Antón Villar Ponte, e entre eles, relevantes persoeiros na política da época coma Salvador de Madariaga, Manuel Azaña e Santiago Casares Quiroga. Tamém na parte gráfica destacam figuras tam universais coma Pablo Picasso, Salvador Dalí, Juan Gris ou Maruja Mallo.

“Era ayer y hace veinticinco años. Galicia. Andaba un viento frio por las calles de la vieja ciudad cantábrica. Pero nosotros teníamos fuego en el corazón.” *J.J.CASAL nos 25 anos de “Alfar”*

(Montevidéu, 1948).

*Nos 90 anos da sua partida da Corunha*

## ***JULIO J. CASAL E GALIZA***

**José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa**

### ***INTRODUÇOM***

1913. Julho. Talvez com a I Guerra Mundial (daquela simplesmente a Grande Guerra) no horizonte, arriba à Corunha junto coa sua mujer, procedentes de Montevidéu, e recém casados, um jovem de 24 anos acabados de cumprir o mês anterior, para se desempenhar como cónsul do Uruguai durante os 13 e meio anos que culminarán a fins de 1926.

Que era o Uruguai da época? Como era a Corunha de entom?

Uruguai, depois da última guerra civil (1904), estava iniciando um século de ouro na sua primeira metade, da mao do grande reformador do país, José Batlle y Ordóñez (1856-1929), que exercéu a presidênciia da República por duas vezes (1903-1907 e 1911-1915), entre elas substituído por Claudio Williman González (1863-1934) -por certo, filho de pai e mai galegos (pai de Mera-Oleiros e mai de Caiom-A Laracha) e protector do escritor corunhês Galo Salinas Rodríguez (1852-1926), até o ponto de nomeá-lo (1907) chanceler do Uruguai em Madrid-, seguido, Williman, polos presidentes Viera, Brum e Serrato (1915-1927): conformando os delongados anos em que Casal exercéu o consulado entre nós. (Nesse mesmo periodo, dada a bonança do país sulamericano, intensificou-se a nossa emigraçom com destino ao Rio da Prata norte).

Quanto à Corunha, estivo governada nesse tramo (1913-1926) por alcaldes tam significados como Manuel Casás (1916-1917, 1925-1927, futuro presidente da Real Academia Galega), Antonio Lens (1920-1921, 1931, três dias, como primeiro alcalde -por idade- da II República), Gerardo Abad Conde (1918-1919, de trágico destino, que chegaria a ministro da República) ou Juan González (1919-1920, 1921-1922, quem, no seu terceiro mandato, 1931-1932, emitiria o primeiro bando municipal em galego) e Francisco Ponte y Blanco (1923, quem também seria presidente da Academia Galega)... uns menos republicanos do que outros, algum que outro coetâneo da ditadura de Primo de Rivera.

Sabido é, por outra parte, que, numha Galiza ainda sem virtualidade política de seu, A Corunha era a principal cidade, mesmo culturalmente: son os tempos entre outros, das Irmandades da Fala e o seu órgao *A Nosa Terra* (1916) -nos que a Real Academia Galega era umha moça de poucos anos-, do Instituto de Estudios Gallegos (1918), do Conservatorio Nazonal de Arte Galego e da colección *Terra a nosa! Biblioteca Popular Galega* (1919), da editorial Lar (1924) -onde, por exemplo, sairá (1928) *Cantigas e verbas ao ar*, do corunhês Xulio Sigüenza (1898-1965), prologado por Juana de Ibarbourou (em galego, traduzida, seguramente, por Leandro Carré), Sigüenza já morando no Uruguai, aonde foi polo mesmo tempo em que Casal retorna ao seu país-; e, por suposto, da sua sucessora a editorial Nós (1927, chamando -se tamém Nós -1920- a melhor revista em língua galega de pré-guerra, alguns anos -1925-1931- editada na Corunha)...

A vida cultural da cidade nucleava-se, em grande medida, no Circo de Artesáns, instituiçom insoslaiável pola que desfilarom vultos espanhois e americanos da época (v.g. a chilena Gabriela Mistral - 1925, glossada por Casal- ou a uruguiana Paulina Luisi -1928). Nom está de mais salientar como, em 1924, de caminho a París, passa pola Corunha e joga aqui a equipa de fútbol do Uruguai que seria agincha campeona mundial. No primeiro dos dous partidos amistosos entre a selecçom uruguiana e o Deportivo Coruña fará o saque de honra Julio J. Casal (em adiante, JJC).

Polo tocante a Galiza e Espanha, o clima nom era do mais favorável. Se bem este reino de Alfonso XIII se mantivo neutral na Grande Guerra (1914-1918), o panorama geral era dum progressivo dete-

rioro, o dumha monarquia caduca que mesmo foi comprazente coa dita ditadura do Gral. Primo (1923-1930): com este cenário, Unamuno, colaborador da revista casaliana, desde o desterro de París (1925) lhe escreveria a Casal: “Es elogiable la valentía de su ‘Alfar’”, como refugio de los hombres libres, ante la dictadura que soporta la Patria.”

Naquele ambiente receptivo achou a melhor benvinda a criaçom dessa revista *Alfar* (Corunha, 1923-1926, Montevidéu, 1929-1955), precedida polo Boletín, finalmente Revista *Casa América-Galicia* (1920-1923), patrocinada pola Asociación Regional Hispano Americana. Publicaçom que comezara oficiando de órgao da Casa A.G. (integrada por diplomatas hispanoamericanos e representantes das casas navieiras) e que, dirigida por JJC e administrada por Alfonso Mosquera (morto já em 1926) desde o núm. 28, de 1923, dá um giro cara ao que, esse mesmo ano, acabaria sendo umha revista absolutamente literária e artística: *Alfar...* co título em princípio (núm. 32, setembro de 1923) coexistindo com Revista de C.A.G., até dessaparecer este desde o núm. 35, dezembro de 1923: é esse ano, pois, aquele em que se produz o feliz nascimento autónomo da cabeceira *Alfar*.

(É sugerente a relaçom (arábigo) *Alfar-Oleiros* (latino), pois que os oleiros (=olleros) criavam olas no alfar (=obrador de los alfareros): vedeaí a feira-mostra internacional de cerámica e porcelana populares, felizmente intitulada *Alfaroleiros*, que o Concello oleirés apresenta cada veráu: faria JJC essa conexom conceptual quando chamou assi o seu alfar cultural, a sua *Alfar*?) (E já que falamos antes de precedentes, nom devemos esquecer que um grupo de escritores corunheses que logo passaram a *Alfar*, editara -em 1920-1921- cinco números da revista *Vida*, sendo Jacobo Casal -outro Casal- o seu director).

## **JULIO J. CASAL: ENTORNO FAMILIAR**

---

Mas nom é de *Alfar*, com ser tam importante e a causa si ne qua nom da déveda de Galiza e da Corunha (e por suposto, de Espanha) com Casal, que nos toca escrever hoje.

A partir da reediçom fac-similar do primeiro número da revista sadense *Mariñana* (janeiro de 1925) que (2016) acaba de tirar a Depu-taçom Provincial da Corunha, por iniciativa da Asociación Cultural Irmáns Suárez Picallo, vemos um poema de JJC, “Marina”, e comentamos-lho ao caro amigo e presidente Paco Pita, quem me aponta que este nom é o único uruguaiano que na revista sadense colabora: tamém aparece ali o nome da poeta María Carmen Izcua de Muñoz: claro, dizemos-lhe, ela era concunhada de Casal (casado el com M<sup>a</sup> Concepción Muñoz, como já se verá). É quando o amigo nos pede que fagamos algo sobre o montevideano-corunhês, sendo como é um reto cabal, o qual aceitamos encantados.

Julio José Casal Ricordi nascéu em Montevidéu o 18 de junho de 1889, morrendo na mesma o 7 de dezembro de 1954. Filho do galego Eusebio Casal Aguiar e da oriental Josefa Ricordi Ceroni. Dona Pepita, de pais italianos, estava emparentada cos Ricordi fundadores da famosa editorial musical milanesa, que desde 1924 tinham filial em Buenos Aires: nom será alheia a isso a tradiçom musical desta família. Por sua parte, D. Eusebio, de Ribadéu, era paisano e contemporâneo de José Alonso y Trelles (1857-1924), o poeta gauchesco (baixo o seudônimo de *El Viejo Pancho*) que se afincou no Uruguai, actuando mesmo em política... Talvez se frequentassem?

Casal pai fixo fortuna como comerciante e, coa sua dona, criou (muito da época) umha extensa família de treze filhos, maioria de varrons, o que abona a permanênciade apelido tam nosso naquela república. (Será necesario explicar que casal equival ao castelhano *caserío*, ao extremenho *casar*, do que é plural o apelativo navarro *Casares...* cos plurais galaicos Casais/Casás, etc.? Tamém, mera curiosidade, destacar que na Corunha, no tempo do nosso poeta, três eram os Casal de renome: o imprescindível Ánxel Casal -1895-1936, um dos passeados do franquismo; Jacobo Casal -c.1900-1955-, outro de *La Peña y la peña*, e pai do escritor Xohán Casal, e o próprio JJC). Além de seus filhos, sobrinhos deles formam significativamente na nomenclatura cultural do Uruguai, assi: o afamado guitarrista Abel Carlevaro [Casal] (1916-2001), que criou um novo modelo de guitarra, ou o arquitecto Juan José Casal Rocco e seus filhos Juanjo, Martín e Juancho, a formarem (2002), com outros três companheiros, o conjunto musical céltico de fusom *Los Casal...* ou os jornalistas Álvaro Casal Tatlock (1940) e Luis Casal Beck (1953), etc.

JJC, com apenas vinte anos -e seique para furtá-lo a umha moça cujo influinte progenitor nom o queria como genro-, foi designado (1909 -1912) cônsul no porto francês de La Rochelle. Retornado a Montevidéu, ali casou (1913) com a citada M<sup>a</sup> Concepción Muñoz Ximénez (1889-1965), de famílias proceris: os Muñoz Anaya (por certo, o apelido Anaya, reputado galego, viria do topónimo de Antas de Ulha Casade-naia) e os Ximénez Rodríguez (estes Rodríguez dos tempos fundacionais da capital uruguaiana). (Curmá e concunhada dela foi a mentada M<sup>a</sup> Carmen Izcua -1885-1952-, quem publicou em Madrid (1924) o poemário *Frutal*, ilustrado polo nosso Julio Prieto Nespereira. Primos forom ta-mém os intelectuais irmaus Guillot Muñoz, ao igual que Petit Muñoz).

## ***JULIO J. CASAL NA CORUNHA***

---

Recém casado, tal como adiantamos, JJC foi destinado à Corunha, aonde arribou a parelha, segundo vimos, em julho de 1913. Da-qua-la, Julio já publicara os poemários *Regrets* (pesares) (Madrid, 1910) e *Allá lejos* (Madrid, 1912). E, já entre nós, daria ao prêlo *Cielos y llanuras* (Madrid, 1914), *Nuevos horizontes* (Madrid, 1916), *Huerto maternal* (Madrid, 1919), *Humildad* (Madrid, 1921), *56 poemas* (Madrid, 1923)... e *Árbol* (Corunha, 1925) -dedicado ao potente banqueiro Ricardo R. Pas-tor (1865-1939) e editado por Moret -Manuel Rz. Moret, 1886-1958-, com alguns poemas musicados posteriormente polo seu paisano Ramón Rodríguez Socas (1886-1957), livro que foi repetidamente reeditado em ambas beiras-, seguido por *Poemas* (Madrid, 1926)... quase todos ilustra-dos polo seu amigo e compatriota o malogrado colaborador de *Alfar* Ra-fael Barradas (1890-1929). Até aqui, conforme ao que opina o crítico uruguaiano Alberto Zum Felde (1890-1976), fazendo “una poesía de sentimentalidad romántica, suave y discreta modalidad modernista”, e, em diante, cultivando a corrente ultraísta, com um estilo depurado, sem retórica, coa pretensom de ser fondo e diáfano, criando um mundo de musicalidade e de sosego, de essências inefáveis. D. I. Russell, em falan-do do “estremecimiento panteísta”, do “hermanamiento del hombre y del paisaje”, manifesto especialmente em *Árbol* mas, acrescentamos nós, impregnando a obra toda de JJC, dá-nos pé para resituar o poeta uruguaiano na sua ancestralidade galaica, observaçom que nom temos advertido em ningúem.

Foram anos de intenso activismo cultural através de *Alfar*, e de frutífera vida privada (com tempadas de veraneio em Oleiros) e a passagem por moradias várias, nas que nascem os seus quatro filhos corunheses: María Inés (1915, rua Compostela, 8-4º, a famosa casa Viturro), Julio (1917, pza. de Pontevedra, 16-3º, edifício que nom demos localizado, provavelmente o que, fazendo proa entre Av. de Fisterra e a rua Juan Flórez, alberga de sempre umha botica), Josefina (Pepita, 1919, na mesma casa) e Rafael (1923, no Cantón Pequeno, 23-3º, actual edifício do bar “Marita Ron”, onde radicou o mais que centenário ultramarinhos Aniceto): todas eram ao tempo sedes do consulado, dando a ideia de que o governo uruguaiano fora ajustando o gasto desde o luxoso emprazamento primitivo da casa Viturro.

De María Inés (que acabaria assinando Marynés como poeta) foram padrinhos José María Riguera Montero (1845-1922), avogado e escritor viveirense (mais concretamente, de Ourol), com longos anos de residência no Uruguai, e Dolores del Río y Sánchez Granados (c. 1860-c.1930), mestra e escritora corunhesa. (Para Marynés, A Corunha era o que para Aitana Alberti foi a Punta del Este uruguaiana: o paraíso da infância). Os mesmos bautizaram a Julio e Josefina (esta morreria, nena de seis anos e meio, em Oleiros -abril de 1926). Dolores del Río com José Corredoira (recém morto Riguera) apadrinariam a Rafael (cabe destacar que, no Julgado, foram testemunhas da inscripçom deste nascimento nada menos que o aragonês Luis Huici Fernández (1894-1936), “soltero, pintor”, e o corunhês Juan González del Valle y González de la Vega (1898-1941), “soltero, abogado”…

Julio Rodríguez Yordi (1894-1967), no seu livro *La Peña y la peña* já citado (Corunha, 1954), ilustrado por Ramón Núñez Carnicer (1900-1947), escrito trinta anos antes (c. 1924, pois), evoca, entre umha trintena longa, amais de a Alfonso Mosquera, aos três: Casal, Huici, Del Valle... sem imaginar o triste final destes últimos (ambos futuras vítimas do fascismo, Huici aqui, Juanito del Valle em campo de concentraçom de Áustria), a formarem todos a penha desse bar La Peña (rua Real, 34, tam perto do Real, 22-2º de *Alfar*). Por certo, este livro chegou a maos de Casal pouco antes de morrer, dando-lhe tempo a escrever a sua resenha que, considerando-se o seu derradeiro escrito, saiu no número 91 derradeiro e póstumo de *Alfar* (1955).

A perda de Pepita (outra Conchita Ruiz Picasso, morta trinta anos atrás, ficando no Santo Amaro corunhês) foi o detonante para a partida (neste caso voluntária) do cônsul e a sua família para o solar natal. Sobre essa tragédia ouvimos comentar na casa montevideana dos Casal a seguinte anedota: indo por umha corredera de Oleiros, a dona Concepción quedou-lhe preso o chal numha silveira e aí tivo ela a percepçom ou premoniçom de que algo mais forte ia deixar em Galiza... é de supor que isso se correspondendo coa enfermidade mortal (escarlatina) que já estaria minando à pequena... Como comenta Julio (filho), nessa hora terrível “mi madre no podía vivir más” e “ya no tenía sentido la vida para mi padre”, poetizando el mesmo depois, já adulto: “Campos de Galicia, tierras de mi España/Allá en una aldea yo dejé una hermana/.../Oleiros, tu corazón cercano al mío/;Cementerio campesino!.../;Se quedó en Oleiros sola mi Pepita!”. E o dia mesmo da morte da cativa, a mai dedica-lhe o poema “¡Quiero encontrarla!”: “Mi Pepita, hijita mía,/mi Pepita... ¿dónde estás?/-Estoy jugando en el bosque/y no me podrás hallar!” (A nena foi sepulta no panteom da família Barral Conchado: a construção actual, em mármore escuro, ao datar de 1960, borrou para sempre aquele passado: este feito fai-nos suspeitar que os Casal veraneavam na boa Casa Barral, ainda existente à entrada da vila de Oleiros).

Nesse mesmo segundo semestre de 1926 é quando os Casal partem definitivamente: se bem se tenhem baralhado os anos 26 e 27 (neste caso dando mesmo umha data concreta: 25 de janeiro (?)), mas tendo em conta que a quinta filha, Selva, nasce em Montevidéu o 11 de janeiro de 1927... é claro que o ano tivo que ser o 26. Pois, a maior abondamento,inda que coubesse a possibilidade da data 1927, nom se concibe que o cônsul deixasse partir antes a família (a mulher embarçada e com quatro nenos, naquelas viagens transoceánicas de mínimo vinte dias), podendo ter ficado el na Corunha até janeiro...

(Já ausente Casal, estrea-se nesta cidade (06-05-1927) a ópera *El monte de las ánimas*, com libreto, sobre a lenda becqueriana, de JJC e Núñez de Cepeda e música do maestro corunhês Rodríguez Losada - 1886-1973-, com cenografia de Díaz Baliño).

Apenas chegados à capital uruguaiana, Casal consegue cargo na exAsamblea Representativa de Montevideo (hoje: Junta Departamental), posto no que permanecerá até 1933, quando a (curta) ditadura civil do presidente Terra o destitúe, passando entom à direcçom do Museo de Bellas Artes Juan Manuel Blanes (onde um monolito com versos seus -"Cuando acaso regreses/al último viaje/de acogedora tierra,/me encontrarás al fin/en un temblor de hoja/que mecerá tu sueño"- o evoca, dedicando-lhe um velho cedro, talvez a primeira homenagem dumha cheia delas que receberá JJC. Co tempo seria restituído nos seus direitos laborais.

Até 1954, em que morre, JJC seguiu coa sua actividade poética, razom da sua vida. Tanto publicando poesia sua (*Colina de la música*, 1933; *Cuaderno de Otoño*, B. Aires, 1947; *Recuerdo de cielo*, 1949; *Distante álamo*, póstumo, 1956; *Poesía*, 1964... ou ensaios como *Rafael Barradas*, 1949)... como de outros, tal o caso da *Exposición de la poesía uruguaya* (B. Aires, 1940), generosa antología de poetas do país desde os seus alvores. De 1966 é a *Antología -prosa y poesía*, preparada polo seu filho Julio Casal Muñoz. E continuou coa publicaçom de *Alfar*. Algo aconteceu para que a revista seguisse saíndo na Corunha (níums. 61 e 62, de 1927), agora baixo a direcçom de Juanito del Valle, aí rematando... e que em 1929 recomezasse a sua andaina em Montevidéu, tamém co núm. 61: C.A. Molina analisa o feito concluindo que Casal nom chegaria a reconhecer a *Alfar* corunhesa, reivindicando para el a cabeceira da publicaçom... o que confirma umha carta d e JJC a Cebreiro. A revista mesmo déu-lhe nome à *Biblioteca Alfar*, editora de delongada andaina... que já se estreara nos tempos da Corunha (por exemplo, co livro *Árbol*).

Assi como a *Alfar* corunhesa fundacional, e essa é a sua glória universal, brilhara por reunir um excepcional número de destacados escritores e artistas do 98 (Machado, Unamuno...) e da avanguarda do 27 (Lorca, Borges, De Torre, J. Guillén, Salinas, Max Aub, León Felipe, Alberti, Aleixandre, entre os primeiros, como Dalí, Vázquez Díaz e, sobretodo, Barradas, entre os segundos) e vários nomes da cultura galega como Eladio Rodríguez e seu filho Rz. Yordi, Cebreiro, Viquei-

ra, A. Villar Ponte, Noriega, Amado Carballo, Francisco Miguel, Nóvoa Santos, Taibo, o próprio Jacobo Casal, Risco... assi como autores uruguaios (tales J. de Ibarbourou, Supervielle, Sábat Ercasty, E. Oribe, Basso Maglio)... no Montevidéu da década de 940 acolhêu tanto uruguaios como Onetti e um jovem Benedetti, quanto as grandes figuras do exílio espanhol como Juan Ramón Jiménez ou Bergamín, ou o próprio Alberti, estes dous morando no Uruguai o último nos veráus puntaestenhos.

Como JJC, Concepción Muñoz escrevén uns *Recuerdos* (1962, publicados ainda três anos antes do seu passamento), nos que se mesturam as primeiras canções para os seus filhos nenos com outras para o primeiro neto (Daniel Sánchez) e para o seu home morto, muitos dos mais antigos escritos na etapa corunhesa. Em fim, o típico poemário pecado de juventude que tenhem feito várias mulheres-escritoras, por exemplo a nossa Emilia Pardo-Bazán.

Salientemos agora como os irmáus corunheses Casal Muñoz, todos, seguirom os passos paternos polos vieiros da Literatura: Julio (1917 -1971), professor de Filosofia, é autor de textos como *Filosofía griega*, *Filosofía cristiana*, *Ser y muerte*, *Poética de lo absoluto* ou *Fundamentos filosóficos de la democracia*; Rafael (1923-1986), avogado, alternou poesia (*Aire de octubre*, *La casa*, *De perros y ángeles* -póstumo-) com prosa (*Cuentos del Sr. López*). Mas as poetas vitais forom as filhas: a corunhesa Marynés (1915-2009), odontóloga, com títulos como *Cuna de río*, *Bosque pequeño*, *Rosa ceñida*, *Crisol*, *Pájaros de lluvia*, *Es el aire* ou *Hacedor del misterio* (reditado postumamente), com evidente pegada paterna. E Selva, avogada, a única nom nascida na Corunha, pois já vimos é montevideana (1927), felizmente ainda entre nós, com extensísima ediçom poética: *Arpa*, *Días sobre la tierra*, *Poemas de las 4 de la tarde*, *Poemas 65*, *Han asesinado el viento*, *No vivimos en vano*, *Nadie ninguna soy*, *Los misiles apuntan a mi corazón*, *Perdidos manuscritos de la noche*, *Vivir es peligroso*, *El grito*, *En este lugar maravilloso vive la tristeza*, *Biografía de un arcángel...*

(Por certo, dous filhos das Casal Muñoz levam hoje nomes de pia que evocam a Galiza, assi: Marynés Suevia Sánchez ou Rosalía Eguren).

Ano tras ano posterior ao seu passamento, nalgumha medida polo dedicado amor de seus filhos, a figura de JJC foi e segue a ser evocada, rememorada, celebrada. Segundo se especifica na *Hemeroteca*, Juvenal Ortiz Saralegui (1907-1960), o seu grande colaborador e amigo ou Hugo Emilio Pedemonte (1922-1992), em Montevidéu, e algúém que reputamos Julio Rz. Yordi, na Corunha, comentam a sua morte.

Cinco anos andados, a poeta uruguaiana Dora Isella Russell (nascida em B. Aires, 1925-1991) fai, a plana inteira de *El Día*, umha belíssima evocac̄om de Casal, “poeta puro, poeta esencial, poeta sin otro quehacer que la Poesía” e a sua “revista azarosa, empeño aventurero de sacar un ideal a flote, poniendo voluntad para vencer los escollos económicos...” Resenha fundamental é a feita desta banda, a dez anos da anterior (1969), por Miguel González Garcés (1916-1989), onde já pedia, ao calor de *Alfar* e co engadido dumha placa, um acto de irmannamento entre Montevidéu e Corunha (como temos pedido nós, quarenta anos aquém, por esta e mais mutíssimas outras razons); e outra ainda em 1973: o poeta corunhês foi o principal, por nom dizer o único mantenedor entre nós do lume de Casal. Seguido por Dionisio Gamallo Fierros (1914-2000), o grande valedor do seu paisano galaico-uruguaiano já citado, José Alonso y Trelles, quem, numha apaixonada conferéncia de 1975 celebrada na Casa da Cultura (edificio do Arquivo do Reino, à que assistimos) e apresentada por G.Garcés, tamém pedia umha placa junto a umha árvore da nossa cidade (árvore, carvalhinho, que seria prantada, nos Jardins, com efémera vida, pola Agrupación Cultural O Facho, em 25 de marzo de 1984).

Temos que chegar precisamente a 1984 para que, coa reediçom fac-similar de *Alfar* na sua etapa corunhesa (5 tomos, dos que nom se distribuiu o último), auspiciada polo Concello da Corunha, se organizassem umhas ambiciosas jornadas (16 a 21 de janeiro) consistentes num ciclo de cinco mesas redondas (repartidas entre o Hotel Atlántico e a Delegación de Cultura -edificio da Praza de Pontevedra), a apresen-

taçom da ediçom (Teatro Colón), a inauguraçom (na sala municipal de María Pita) da Expo. “*Alfar y su época*” (día 16) e, na mesma data, o descobrimento dumha placa comemorativa em Real 22 (placa com texto bilíngûe castelhano-galego que, anos mais tarde, foi substituída por outra exclusivamente em galego, esta um mármore empotrado na fachada). (Para quando umha rua Julio J. Casal?).

Tales jornadas, das que se criticou a nom convocatória de certos vultos locais (a mais escandalosa a de González Garcés), contaron com nomes como Ayala, Cela, Torrente, Benedetti, Marra, Díaz Pardo, Varela Jácome, Juan Naya e César Antonio Molina (coordenador, quem editara simultaneamente um enjundioso ensaio sobre a revista casaliana: ver *Bibliografia*). Outros participantes forom: Alberti, Tudela, Villares, Alonso Montero, Bonet, Fernández del Riego, Xavier Alcalá, Ánxoles Penas, M<sup>a</sup> V. Carballo-Calero... A exposiçom (co seu catálogo) foi repetida em Madrid (março-abril) e Bilbao (maio-junho).

Logicamente, tudo isto tivo repercussoem mediática em Montevidéu, onde (30º cabodano de JJC) em dezembro e na Biblioteca Nacional, se inaugurou a exposiçom “Julio J. Casal: el poeta y su revista *Alfar*”, com as secçons: originais ológrafos, correspondênciia (activa e passiva), livros, colaboraçons em revistas, a revista *Alfar*, antologias, biocríticas e miscelânea. Um mês antes, quem isto assina, falara, no Patronato da Cultura Galega de Montevidéu sobre “Galicia e Uruguai: Julio J. Casal”, coa leitura de cinco seus poemas traduzidos para galego polo conferenciente. Programada para esse mês, foi postergada para o 22 de dezembro de 1985 a inauguraçom, por iniciativa do citado Patronato, dum monolito na rua dedicada ao poeta na zona de Nuevo Peñarol. (O Uruguai saíndo da ditadura 1973-1984).

Voltando a Galiza, é José Antonio Durán (1941) quem toma a posta em 1989, com motivo do centenario do poeta, ao guionizar e dirigir o quarto capítulo da série “Historias con data” da Televisión de Galicia: “Julio J. Casal, o cónsul-poeta que creou *Alfar*”, emitido o 24 de junho. Eram programas em parte documentais, em parte dramatizados por actores do momento. O mesmo investigador dedicará, em 1994, a toda plana de La Voz de Galicia, um artigo a “Alfar de maravillas”, onde qualifica a Casal “como cónsul liberal-demócrata de Batlle”. De 1997 é um artigo, “Coruñeses en Montevideo, montevideanos en La Coruña”, assinado por Juana Isabel López de Gwegen (“heterónimo” nosso), cuja

última parte se intitula *Los Casal Muñoz*: montevideanos y coruñeses. Em 2005 é Molina (1951) quem, baixo o título “La intuición de Casal”, tamén a toda plana de *La Voz de Galicia*, analisa a obra do nosso poeta (artigo ilustrado erroneamente, como a entrada *Alfar* da Gran Enciclopedia Gallega, com a cabeceira de outra revista *Alfar* posterior e efémera).

Novamente em Montevidéu e 2008, nos XII Coloquios de Cultura Gallega, organizados polo CEGAL (Centro de Estudios Gallegos de la Facultad de Humanidades de la Universidad de la República) e celebrados na Biblioteca Nacional, proferirom-se duas palestras: umha, muito importante, de Alicia Torres (1952) sobre “Un consulado de poesía. Julio J. Casal entre Galicia y Uruguay”; a outra, genérica, sobre “Coincidencias e confluencias históricas, culturais e biográficas A Coruña-Montevideo”, devida ao autor deste ensaio, cum capitolilho, 1923, dedicado a *Alfar* e Casal, reproduzindo um curioso grabado de Barradas intitulado “Consulado del Uruguay en La Coruña”, que se inclue agora, apenas representando um chafarís que interpretamos ser o do estanque de Concepción Arenal, nos jardins fronteiros ao que foi consulado uruguaiano.

### ***CARTAS, POEMAS, TEXTOS GALEGOS...***

---

Sem nada esculcarmos, cairom-nos nas maos até três cartas de JJC: umha (Corunha, 28-05-1923) a Rafael P. Barradas (em Luco de Jiloca, Teruel) e duas a Álvaro Cebreiro (desde Montevidéu à Corunha, umha de julho de 1927, a segunda, de dezembro, s/d, talvez do mesmo ano). Na de Barradas, além de consideraçons em torno a *Alfar*, reflicte-se a importante ajuda que o poeta lhe presta ao pintor, remetendo-lhe um caixonzinho com contido puramente alimentício. A Cebreiro comenta-lhe, na primeira, a intençom firme de reiniciar a saída da revista em Montevidéu antes de um ano e confesa-lhe a sua inquietude perante a notícia de que na Corunha querem seguir coa publicaçom aproveitando a sua marca... para rematar dizendo: “Cuando recuerdo a Galicia, siempre me acuerdo de ti, uno de los pocos que supieron alentarme en mi obra de honradez literaria.” Na segunda missiva, entre outras reflexons, fai um canto a Galiza e ao seu projectado regresso como cónsul geral.

De dous poemas autógrafos, que aqui reproduzimos, queremos falar finalmente. Um, de JJC para Cebreiro (1924), justamente intitulado assi: “Álvaro Cebreiro”. O outro é um de Lorca, dedicado “Para Julio Casal” (datado em Madrid, 1933), intitulado “La raíz amarga”: este poema será incluído, sem essa dedicatória, e com o título de “Gacela de la raíz amarga” no livro *Diván del Tamarit* (1936), e com apenas umha palavra trocada: no segundo verso, Lorca cámbia *ventanas* por *terrazas*... sem dúvida para evitar a repetição da palavra, logo contida no verso sexto.

Para rematar, tomamos dous textos do nosso autor dedicados a Galiza e (fragmentos) a Rosalia.

Naquel, poema intitulado “A Galicia” (Corunha, 1919) di:

“El paisaje brumoso de mis versos/se anima y toma luz y formas nuevas./Galicia, toda ensueño,/toda amor y leyenda,/le ha prestado un color/de su clara paleta,/y ha vertido en sus ritmos una gota/del mar de su belleza./Y mi espíritu siente/la emoción más intensa,/porque en vosotros mismos/yo encuentro la entereza/ de mi estirpe charrúa,/rebelde, aventurera,/que si ha inclinado un día/la orgullosa cabeza,/no fue por sumisión ni servilismo/¡que nunca supo claudicar mi tierra!” (Comentário amável: do que nom podia presumir JJC, com esses seus dous apelidos européus, era de estirpe charrúa... ou bem se referia a umha estirpe ideal).

Dumha conferênciā ditada em Montevidéu, na Universidad de la República, extraemos breves tramos:

### **ROSALIA DE CASTRO.- Canción y paisaje. Por Julio J. Casal, s/d.**

“La geografía lírica del siglo XIX quedará en nuestra devoción con el resplandor de tres nombres: Jacinto Verdaguer, Gustavo Adolfo Bécquer y Rosalía de Castro. Mar Mediterráneo, agua desnuda y casta de Sevilla, olor de pinos y rías gallegas.

“Decir canción y Rosalía de Castro es lo mismo. En la voz de la creadora de “Follas novas” alienta el estremecimiento de la música popular.

# **5 poemas de Julio J. Casal...**



**...passados para galego por José Devesa (1984)**

## EL ROBLE

Apoyé mi cabeza  
sobre el tronco  
del roble... Descendía  
hasta mi espíritu  
el zumo de una música de estrellas.

Dentro del tronco había  
una garganta de cristal:  
Cantaba,  
desenhebrándose, un collar de piedras  
de países lejanos.

Era un rumor de fiesta.  
Una alegría  
de agua y raíz.  
Un restregar de párpados de pétalos  
de fragancias recién amanecidas.

El tronco era un hueco de siglos,  
un caracol de antiguas resonancias.  
Los pájaros ya muertos  
del jardín  
habían vuelto a la vida.

Era una jaula bulliciosa el roble.  
Yo sentía en mi oído  
un estremecimiento de plumajes  
y un alborozo colegial de picos.

De *Árbol*, Corunha, 1925.

## O CARVALHO

*Apousei a cabeça  
no tronco  
do carvalho... Descia-me  
até o espírito  
o celme de umha música de estrelas.*

*Dentro do tronco havia  
umha garganta de cristal:  
Cantava,  
desenfiando-se, um colar de pedras  
de países longícuos.*

*Era um balbor de festa.  
Umha ledize  
de áuga e raíz.  
Um esfregar de pálpebras de pétalas  
de recendos recém amanhecidos.*

*O tronco era um oco de séculos,  
umha buguina de ecoar antergo.  
Os páxaros já mortos  
do jardim  
retornaram à vida.*

*Gaiola rechoucheira era o carvalho.  
E eu sentia no ouvido  
um tremor de penugens  
e um alboroço colegial de bicos.*

## **LA TRISTEZA ME HA DADO**

cal y barro, para mi labor  
de soledad.

Humilde y firme  
ahí está el muro  
que me aisla.

Desde mi silencio,  
mi ternura solitaria  
irá creciendo.

Algún día  
el muro ha de caerse,  
y no se acercarán.  
Han de ver siempre el muro  
que no existe.

De *Colina de la música*,  
Montevidéu, 1933.

## **A TRISTEZA ME DÉU**

cal e barro, para o meu labor  
de soedade.

Humilde e firme  
ai está o muro  
que me aílha.

Desde o meu silêncio  
esta tenrura solitária  
irá medrando.

Algum dia  
o muro cairá,  
e nom se achegarán,  
pois sempre seguirám  
a ver o muro.



## RUEGO

Ni tú me esperarás. Ni yo he de ir.  
Estás en lo escondido  
de tu hiedra de cielo, tan lejano,  
que hasta tu rostro no podrá la muerte  
alzarme en su marea.

Condenado a seguir desde la orilla  
a los que ascienden hasta ti. Mi sombra  
da su presencia en el móvil mundo.  
Apenas sube en luz. Otra vez sombra.

Tal vez no quieras que yo llegue. El  
campo  
aguarda en flor de muerto, mi ternura.  
Sobre los infinitos lirios echaré  
mi corazón de hombre. Déjame ser lluvia.

Déjame como niebla ligera  
por los caminos.  
Seré danza de estío para la rosa débil,  
como labio de arroyo para la orilla oscura.

Estarán junto a tí los que amaron la vida  
y los que la encendieron en heroicos espejos,  
los que en duro ejercicio moldearon  
el umbral en que se echan perros fieles.

## ROGO

*Nem ti me aguardarás. Nem eu hei de ir.  
Pois que estás no escondido  
da tua edra de céu, tam longícuo,  
que até o teu rosto a morte nom poderá  
no seu abalo erguer-me.*

*Condenado a seguir desde a ribeira  
os que ascendem a ti. A minha sombra  
dá a sua presença no móvel mundo.  
Apenas sobe em luz. Outra vez sombra.*

*Talvez nom queiras ti que eu chegue. O  
campo  
aguarda em flor de morto, esta tenrura.  
Sobre os infíndos lírios deitarei  
o meu coração de home. Deixa-me ser  
chúvia.*

*Deixa-me como névoa leve  
polos caminhos.  
Serei dança de estío para a rosa mais débil,  
qual lábio de regato para a ribeira escura.*

*Cabo de ti estarám os que amarom a vida  
e mais os que a acenderom em heroicos  
espelhos,  
os que em duro exercício moldeárom  
a soleira dos cans costumeiros.*

(cont.)

(cont.)

Muerto aún amo la tierra. Despertando  
del pecho de una muerta está mi infan-  
cia.

Íntimo, hundirme  
en el enjambre eterno.

Renacer en los ojos de los bueyes.  
Con el rojo mastín  
ladrar antigamente a los viajeros  
que llegan hasta el humo de las chozas.

¿Qué he de hacer yo en tu fiesta de  
elegidos?  
Mi corazón es pájaro de agua  
de tus copiosas venas de la tierra.  
Piensa en un vuelo más que se ha ex-  
traviado.  
Ni tú me esperarás. Ni yo he de ir.  
Haz de mi muerte lluvia. Échala al  
campo.

De *Cuaderno de Otoño*, Buenos Aires,  
1947.

*Inda morto amo a terra. Acordando  
do peito de umha morta, a minha  
infância.*

*Íntimo, me afundir  
no enxame eterno.*

*E renascer nos olhos dos boizinhos  
o com o roxo mastim  
ladrar antigamente aos viaxeiros  
que chegam até o fume das choupa-  
nas.*

*Que fazer na tua festa de escolhidos?  
O meu coração é páxaro de áuga  
das farturentas veas da tua terra.  
Pensa num outro vó que se extravia-  
ra.  
Nem ti me aguardarás. Nem eu hei  
de ir.  
Fai chuvia a minha morte. Deita-a  
ao campo.*

## **NO ES EL AMANECER**

No es el amanecer  
que me trae la luz.  
Eres tú.

No es la estrella  
-resplandor descendido  
sobre el álamo negro.  
Eres tú.

Canta el pájaro  
y con olas  
se enciende el mar del aire.  
Y él no da la canción.  
Eres tú.

Y en mi alegría,  
y en mi dolor,  
me imagino  
creyente y creador.

¡Ay! Y sé bien  
que no soy yo.  
Eres tú.

De *Cuaderno de Otoño*, Buenos Aires,  
1947.

## **NOM É O AMANHECER**

*Nom é o amanhecer  
quem me trai a luz.  
És ti.*

*Nom é a estrela  
-resplendor descendido  
sobre o álamo negro.  
És ti.*

*Canta o páxaro  
e com ondas  
se acende o mar do ar.  
Mas el nom dá a cançom.  
És ti.*

*E na minha ledize,  
e na minha dor,  
imagino-me  
crente e criador.*

*Ai, e bem sei  
que nom som eu.  
És ti.*

## **LUZ DE DOMINGO**

Luz de domingo.  
Perdida geografía de mi infancia.  
Tienes  
no sé qué aire de inocencia antigua  
y el mismo  
color de la memoria de mi madre.

El hombre del farol tenía un oro  
de margaritas en la plaza.  
Te caía en el hombro  
la sombra de una acacia.  
La noche iba distante  
encendiendo ventanas.

Sin levantar los ojos, una estrella  
sola, entre nubes, miro.

Y se nos va la vida,  
y aún estás en mi sueño  
luz celeste, lejana de domingo.

De *Distante álamo*, Montevidéu,  
1956.

## **LUZ DE DOMINGO**

*Luz de domingo.*  
*Perdida geografia da nenez.*  
*Tens*  
*nom sei que cousa de inocência antiga*  
*e a mesma*  
*cor da memória de minha mai.*

*O home do farol tendia um ouro*  
*de margaridas na praça.*  
*Caia-che no ombro*  
*a sombra de umha acácia.*  
*Acendendo janelas*  
*a noite ia distante.*

*Sem eu erguer os olhos, umha estrela*  
*só, entre nuvens, miro.*

*E vai-se-nos a vida,*  
*e inda estás no meu sonho,*  
*luz celeste, longíncua, de domingo.*

JULIO J. CASAL

A R B O L



ORNAMENTACIÓN DE BARRADAS

---

IMPRENTA MORET  
LA CORUÑA - 1925

“No podemos olvidarnos de la canción gallega. Se nos viene desde saudosas distancias, ganándonos el corazón.

“Sólo de un pueblo y de tal mujer puede brotar tal canción: “Meu corazón é unha rosa,/unha rosa de cen follas./ Cada folla é unha pena/que vive apegada a outra.”

“Muchos cantares que son de todos, cuyo creador se ignora, fueron arquitecturados por ella misma. ¿No es la misma Galicia, sufrida y recogiendo la imagen de su raza, la que sueña? “Todos me saben a auga q'eu bebo/ pero non saben a sede q'eu teño.”

“Recuerdo que íbamos dentro del paisaje. En la crepuscular y roja llama de un otoño inédito, ardía la última hoja del árbol de la tarde. Volteaban los molinos el mejor oro de la luz. En Oleiros, trepando por el valle de Miraflores, asomaba una canción. Nunca he podido olvidarla. Toda ella se había nutrido con la sangre del corazón de su tierra. Tierra que cuanto más sufre, más canta, y si el dolor crece, más claro y alto es su acento. Comprendí el destino de Galicia: “Carriño que cando cantas/ é cando levas más peso.../Moita carga levar debe/meu corazón cantareiro...”

“Tres grandes poetas: Bécquer, Machado y Rosalía, han echado a volar el anhelo de recuperar el dolor o el amor, cuya ausencia no les dejaba sentir el corazón. Allá en el sueño, deben haberse encontrado los tres gritos quemantes, el que partió de la andaluza rama entrustecida, el que avivó, al ascender su vuelo, la tarde gris del chopo castellano, y el que desde el pino gallego, se alzó en la luz, ya en carne dolorosa, sacudida por el drama más íntimo de la desesperanza.

“Rosalía, que vive inclinada sobre la orilla de las pequeñas cosas natales, hace de su vida y de su obra sendas para irse, con una, lejos de sus campanas íntimas, con la otra, hacia los mares de lo universal.

“La influencia del paisaje gallego da a su drama cierto matiz de dulzura, envolviéndolo en una milagrosa lágrima de niebla. Orballo silencioso que no la abandonó nunca porque aún cuando estaba entre los suyos, como todo gran poeta, era “estranxeira n'a sua patria.”

“En toda la obra de Rosalía de Castro se ve Galicia. Se diría que Galicia ya no existe sino en la llama de su poeta. Hablar de Rosalía, ir por el hilo de agua de su poesía, es acercarse al río de los hombres que un día han de ser libres, es acercarse al pueblo.

“De la vaguedad y el misterio de Galicia nació Rosalía de Castro. Nada más natural que ella se reintegrara en su cuna de nieblas, a la morada que le dió nacimiento. Siempre que mis ojos recogieron el misterio del pulso, del aire íntimo y velado de los campos gallegos, yo he sentido inclinarse sobre mis sienes viajeras, como aliento de trigo y fuerte aroma de mar, el rostro verdadero y conmovido de Rosalía.”

Bem é certo que já noutras intervençons montevideanas dos anos da guerra espanhola JJC falara de Galiza e os seus persoeiros, sem esquecer o infortunado amigo Huici. Segundo cita Alicia Torres e com essas formosas palavras damos por culminado este modesto traballo:

“Lo recuerdo. Camino de Oleiros. La luna le daba en la frente. Caía del cielo un temblor plateado de neblina. Me iba hablando de sus sueños, de su deseo de lucha por una tierra grande, terminando para siempre con el 'viejo código' moldeado a gusto, para el dolor de los campesinos. Abriendo surcos de libertad en el campo gallego, perdió la vida.”

## RECONHECIMENTOS

A Daniel Sánchez Casal, polo importante caudal gráfico aportado.  
A Alfonso Posse, por algumhas fotocópias de hai mais de trinta anos.  
A Paco Pita, por tudo.

## BIBLIOGRAFIA

Casal, S.- *Mi padre Julio J. Casal*, Montevidéu, 1987.

Casal Muñoz, J.- *Meditaciones y recuerdos*, Montevidéu, 1955.

García, C. & García Sedas, P.- *Julio J. Casal, alfarero y poeta entre dos orillas*, (epistolário), Montevidéu, 2014.

- Goldaracena, R.- *El libro de los linajes-3*, Montevidéu, 1981.
- González Catoira, A.- *Biografías coruñesas*, A Corunha, 1990.
- González Garcés, M.- *Alfar* (entrada in 'Gran Enciclopedia Gallega', s/d., c. 1976).
- Molina, C.A.- *La revista "Alfar" y la prensa literaria de su época (1920-1930)*, A Corunha, 1984.
- Monterroso Devesa, X-M.- *A Corunha na cultura galega*, in 'Memória da Agrupación Cultural "O Facho" (1963-1991)', A Corunha, 1991.
- Monterroso Devesa, J.- *Mil e pico de nomes galegos do Uruguai-1*, Montevidéu, 2009.
- Naya, J.- *Relación de los alcaldes propietarios de La Coruña desde 1840 hasta el presente*, A Corunha, 1975.
- Olveira, A. & Naón, I.- *Galicia en Uruguay*, Montevidéu, 2009.
- Ortiz Saralegui, J.- *Diálogo con Julio J. Casal*, Montevidéu, 1955.
- Rocca, P. & Roland, E.- *Lorca y Uruguay*, Alcalá la Real, 2010.
- Rodríguez Yordi, J.- *La Peña y la peña*, A Corunha, 1954.
- Zubillaga Barrera, C.-A.- *Casal, Julio José* (entrada in 'Gran Enciclopedia Gallega', s/d., c. 1977).

## HEMEROTECA MÍNIMA

“La ópera de Rodríguez Losada: El monte de las ánimas, letra de Julio J. Casal y Luis Núñez de Cepeda”, s/a, *La Voz de Galicia*, A Coruña, 20-04-1927 e 07-05-1927.

“El alfarero alejado”, s/a (Rz. Yordi?), *La Voz de Galicia*, A Corunha, 22-11-1928.

“Julio J. Casal” (necrológica), s/a, *La Mañana*, Montevidéu, 00-12-1954.

“Julio J. Casal ha fallecido”, s/a (Rz. Yordi?), *El Ideal Gallego*, A Corunha, 18-12-1954.

“Julio J. Casal” (necrológica), s/a (Luís Seoane), *Galicia emigrante*, núm. 7, Buenos Aires, dezembro de 1954.

“Presencia de Julio J. Casal”, por Hugo Emilio Pedemonte, *La Mañana*, Montevidéu, 02-01-1955.

“Del 'Diálogo con Julio J. Casal'”, por Juvenal Ortiz Saralegui, *La Mañana*, Montevidéu, 00-00-1955.

“Julio J. Casal y su mensaje”, por Antonio Vega, *La Mañana*, Montevidéu, 30-12-1956.

“Julio J. Casal ayer y ahora”, por Dora Isella Russell, *El Día*, Montevidéu, 20-12-1959.

“Julio J. Casal”, por Miguel González Garcés, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 19-01-1969.

“Alfar', historia de dos revistas literarias”, por Víctor García de la Concha, *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 1971.

“La revista 'Alfar'”, por Miguel González Garcés, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 17-06-1973.

“Evocación de Julio J. Casal en la Casa de la Cultura”, s/a, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 12-04-1975.

“Un cónsul uruguayo de la poesía en La Coruña” (entrevista a Dionisio Gamallo Fierros), por Pilar Llorente, *El Ideal Gallego*, A Corunha, 12-04-1975.

“O Rio da Prata e nós” (4), 'A saga dos Casal', por Xosé-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa, *El Ideal Gallego*, A Corunha, 02-03-1980.

“Ausencias que gritan”, por Miguel González Garcés, *La Voz de Galicia*,

A Corunha, 26-01-1984.

“El aniversario de 'Alfar””, por Juana I. López Jáuregui (seudón. de J.-M. Monterroso Devesa, cartas al director), *La Voz de Galicia*, A Corunha, 01-02-1984.

“'Alfar' y su alfarero”, por Lucy Garrido, *Jaque* (semanário), Montevidéu, 09-03-1984.

“Julio J. Casal”, por Comisión de Homenaje a J.J.C., *El País*, Montevidéu, 16-11-1984.

“Julio J. Casal, o cónsul-poeta que creou 'Alfar””, por José Antonio Durán, anunciando a emissom, em Televisión de Galicia, no centenário do poeta, dumha curtametragem documental, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 3 notas, 17, 18 e 24-06-1989.

“Alfar de maravillas. La atlántica revista coruñesa”, por José Antonio Durán, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 07-08-1994.

“Coruñeses en Montevideo, montevideanos en La Coruña”, por Juana Isabel López de Gwegen (seudón. de J.-M. Monterroso Devesa), *La Coruña, paraíso del turismo*, A Corunha, 1997.

“La intuición de Casal”, por César Antonio Molina, *La Voz de Galicia*, A Corunha, 05-02-2005.

“Juan González del Valle (1898-1941), grácil poeta, sutil prosador” (I e II), por Miguel Longo Formoso, *La Coruña, historia y turismo*, A Corunha, 2006 e 2007.

“Un consulado de poesía. Julio J. Casal entre Galicia y Uruguay”, por Alicia Torres, *Anuario del Centro de Estudios Gallegos*, Montevidéu, 2008.

“Coincidencias e confluencias históricas, culturais e biográficas A Coruña-Montevideo”, '1923', por José Monterroso Devesa, *Anuario del Centro de Estudios Gallegos*, Montevidéu, 2008.

“El cónsul que creó 'Alfar””, por Isabel Bugallal, *La Opinión*, A Corunha, 24-10-2016.

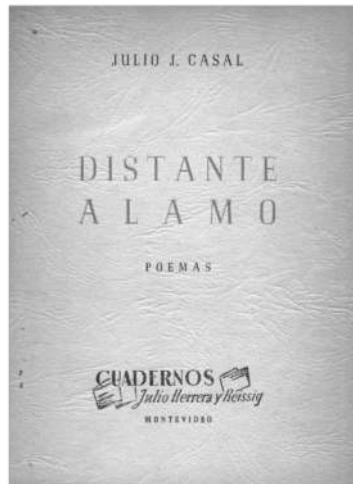
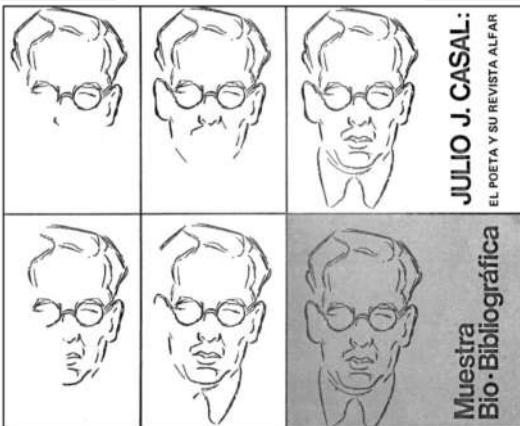


**ALFAR**

SUMARIO

Pintura de Guillermo Rojas. — Poesía de Adelio Varela, Edmundo Prado, Juan Randa, Juan José Gómez. — Proseos del historiador Pedro A. Jerezal (1918-1921). — Marzo negro se habrá seguido..., por Juan Correa. — El poeta y su revista. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — Los primeros de hielo, por Ernesto Castillero. — Los muertos entierran, por José Saramago. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — Mariano José de Larra. — Relato de María Luisa, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato. — La otra cara de la luna, por Ernesto Sábato.

91



## JULIO J. CASAL: FOTOBIOGRAFIA.

Plancha I.- 1. La Rochelle. 2. La Rochelle? (dezembro de 1910). 3. s/d.  
4. Com a dona (Portela Hnos. Corunha).

Plancha II.- 5. Marynés Casal Muñoz por Cebreiro. 6. Pepita Casal Muñoz. 7. “Consulado del Uruguay en La Coruña” por Barradas (colección particular, Buenos Aires). 8. Marynés, Julio e Pepita Casal Muñoz “con su niñera Carmen García” (Higinio). Suárez, S. Agustín 18, Corunha).

Plancha III.- 9. Compostela 8 (Casa Viturro). 10. Cantón Pequeno 23. 11. Real 22.

Plancha IV.- 12. J.J.C. por Núñez Carnicer (em *La Peña y la peña*). 13. J.J.C. por Cebreiro (em *El Pueblo Gallego*, Vigo, domingo 08-08-1926). 14. J.J.C. por Nelsa Solano. 15. J.J.C. por Barradas.

Plancha V.- 16. Poema de J.J.C. (Corunha, 1924). 17. De J.J.C. A Cebreiro (14-12-[1927?] -onde se refere a Villar Ponte, Risco, Castelao, Cabanillas, Montes, Amado C., Sigüenza...) e envelope. 18. Poema de G. Lorca a J.J.C. (Madrid, 1933).

Plancha VI.- 19. J.J.C. entre os pintores Barradas e Garrán, tamém Jarnès, Canel e Buñuel (Madrid, anos 920). 20. J.J.C. Com G. Lorca e o prosista Enrique Amorim (Montevidéu, fevereiro de 1934). 21. J.J.C. e Jules Supervielle (o poeta franco-uruguaiano), flanqueados polos irmaus Guillot Muñoz (estabelecimento gandeiro, Uruguai, anos 940). 22. J.J.C. Entre os tamém poetas Alfredo Mario Ferreiro (outro galego-filho) e J. Ortiz Saralegui (Piriápolis.Uruguai, 12-10-1954, estimada a sua derradeira fotografia).

Plancha VII.- 23. J.J.C. 24. J.J.C. 25. J.J.C. 26. J.J.C. e sua dona.

Plancha VIII.- 27. Marynés Casal Muñoz. 28. Selva Casal [Muñoz]. 29. A derradeira casa de J.J.C. 30. Inauguração de monólito com placa na rua Julio J. Casal: diante, os três filhos supérstites (morto Julio Casal Muñoz), por trás, o sobrinho Elías Casal.

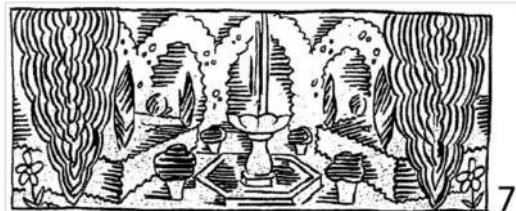
## PLANCHAS I



## PLANCHAS II



5



7



6



8

## PLANCHAS III



9



10



11

## PLANCHAS IV



12

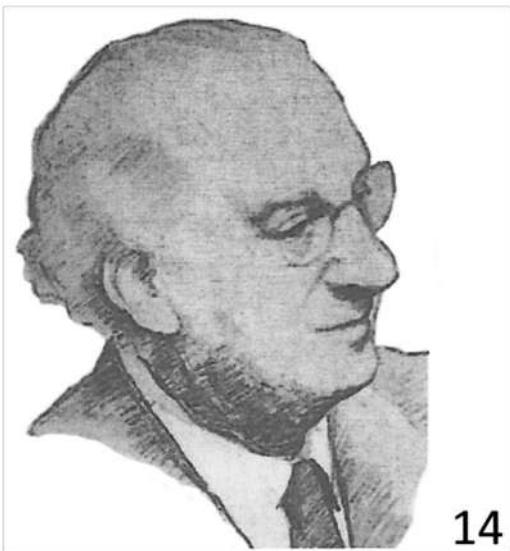
### Gente conocida



El poeta Julio J. Casal, director de la revista "Alfar"

Por Cebreiro.

13



14



15

## PLANCHAS V

*Alvaro Cebreiro*

Va por el laberinto gris de su mirada  
el trío del bullicio de los ríos  
que desembocan en el mar del alba

I lujo: sole las olas, los nubos  
de su palabro. Música  
silenciosa de pájaros y viento.

Madera tropical que esto canta  
hasta el tono interior. Cuanto más fuerte  
más escuchado el agua

16

espero tu colaboración y la de  
tus amigos. Mañana libro tipo y un estúdio  
sobre tu obra, que podrás hacer Villor Ponte (en  
abrejo para él) — Pidele a Villor Ponte metas  
sobre el libro. Ofrece la suya para los mismos a  
Juan de Juan (otro abrejo para él) — Probable  
metas el primer número inédito dedicado a  
Juan Gris. — Bebas tristes de Risco,  
de Castelar, de Segura, Morales, de Latorre, etc.,  
(en hoy mata invisible de amores Castelar!)  
de Pascores, de Lucy Vieira, de Gómez, etc.,  
en fin, ¿para qué son nombres? de todos los  
que sean artistas honrados. —

— Te enviaré billetes de postales mexicanas  
Mi "Patio" ya está punto. —

Quiero andar por estos billetes  
a julio Sijueza. Estos los Pintor, Tiziano, pintor  
una buena taza de café, billetes en gran vario  
de sardinas gallegas. —

17

Yo visto amarillo - Para Julio Sijueza -  
Hoy visto amarillo  
y no me molesta el viento.

Ni a mano ni a regañadientes  
quicóle la muerte del pajar.

Si ando en agua, ando ahondo;  
Hay un cielo de miel ventoso  
bistola de abejas lidiadas -  
y hay una sola amarilla.

(Amarilla).  
Duele en la planta del pie,  
el interior de la cara,  
y duele en el torso.  
Jale mucha risa, cortada.

¡A más! Encantado más.  
Vivirán tú visto amarillo!

Federico García Lorca  
Madrid - 1933-

18

*los pintores*

Lo i

Alvaro Cebreiro

— Pintor —

Calle Juan Flory (Camino Nuevo),  
en caso de avería en casa del Sr. o  
a Villor Ponte  
— Riego de Agua 10 =

Gallina -

*La leonina*

## PLANCHAS VI



19



20



21



22

**PLANCHAS VII**



23



24



25



26

## PLANCHAS VIII



JULIO J. CASAL

AL CUMPLIRSE 31 AÑOS DE SU FALLECIMIENTO

Domingo 22 de diciembre - Hora 10.30

Avda. Aparicio Saravia esq. Julio J. Casal

- COMISION VECINAL "NUEVO PEÑAROL"
- PATRONATO DA CULTURA GALEGA
- COMISION PRO HOMENAJE

Con la colaboración especial del Dpto. de Paseos Públicos de la I.M. de M.

Diciembre de 1985.





# Cadernos de Estudos Xerais

## Xa publicados:

Nº 1 - «Xosé María Díaz Castro» · E. Mariño Davila, V. Pérez Prieto, A. Blanco Torrado

Nº 2 - «De Galicia a Chiloé. Chile a la vista de E. Blanco-Amor» · Luis Pérez Rodríguez

Nº 3 - «Impresións de Emilia Pardo Bazán sobre a Primeira Guerra Mundial» · M. González Prieto e R. Axeitos Valiño

Nº 4 - «Moncho Valcarce: un militante social e político galeguista, un cura atípico, un profeta e un místico cristiano» · VV.AA.

Nº 5 - «Evocación e lembranza de Manuel Espiña Gamallo» · VV.AA.

Nº 6 - «Luisa Viqueira Landa: unha heroína republicana» · VV.AA.

Nº 7 - «Oitava de voces para Manuel María» · VV.AA.

Nº 8 - «A longa pósguerra (1936-1953) de Ramón Vilar Ponte» · José-Mª Monterroso Devesa

Nº 9 - «Maruja Mallo: vida e exilio dunha artista universal» · Carlos Novo Cal e Analía Álvarez González

Nº 10 - «Os seis poemas galegos de Federico García Lorca» · Luis Pérez Rodríguez

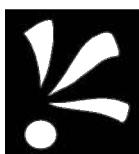
Neste número prestou a súa colaboración:

**José-Mª Monterroso Devesa.** (A Coruña, 1944). Tem publicado diversas obras de poesía e ensaio, amais de colaborar (mesmo cofundando algúm) em proxectos colectivos (associações culturais, literárias e lingüísticas). Viviu em Tacuarembó (Uruguai), terra de parte dos seus ancestros maternos, desde os 6 anos, onde cursou a carreira de Piano, e já em Montevidéu (desde os 17) iniciou os estudos de Direito. Retornado á Coruña aos 20 anos, “descubriu” Galiza e o galego. Anos depois obtivo umha praza de funcionario, e tras varios destinos (Madrid, Cáceres Gijón), acabaria por se radicar na cidade herculina em 1973, ainda que compartindo, nos últimos tempos, a residencia com Montevidéu, posuíndo dupla nacionalidade. Desde entón dedicou-se á Onomástica e á Genealogía, centrada esta nas familias galegas que, desde o século XVIII, fundaron estirpes no Río da Prata (Uruguai e Argentina).

Entre as suas obras podemos destacar: *Cara ó lonxe, noite adiante* (poesía, 1973); *As rúas da Coruña* (1978); *Nau enfeitizada* (poesía, 1979); *Galegos e galeguismo* (antología, 1979); *Memoria de Tacuarembó* (poesía, Montevidéu, 1987); *O tema da emigración no Castelao gráfico* (prémio Xesús Canabal, Montevidéu, 1988); *Apelidos galegos* (1990); *O cemiterio de Santo Amaro, A Coruña* (1992); *Aquela luz* (poesía, 1997); *Casamientos en la vieja Coruña* (1999); *La Onomástica como auxiliar de la Genealogía* (Buenos Aires, 1999); *Mil e pico de nomes galegos do Uruguai, I e II* (Montevidéu, 2009 e 2011); Como el humo (poesía, Montevidéu, 2010); *Sobre gallegos y orientales* (Montevidéu, 2014), etc.

Entre os prémios recibidos mencionemos o da Asociación de Libreros da Coruña (Feira do Livro, 1993) e a ‘Vieira de Prata’ do Patronato da Cultura Galega (Montevidéu, 2004).

## Edita



A. C. IRMÁNS  
SUÁREZ  
PICALLO

## Colabora

